

O MARTIM CERERÊ EM MARCHA: OS “NOVOS BANDEIRANTES” EM DEFESA DAS FRONTEIRAS ESPIRITUAIS DA NAÇÃO

George Leonardo Coelho

Resumo

O presente artigo abordará como o ideário do Movimento Bandeira (1935-1937) se apresentou como uma quarta via política nos anos que antecederam o golpe que levou a instalação do Estado Novo. Para tanto, pretendemos discutir a atuação de Cassiano Ricardo como líder dos “novos bandeirantes” e de que forma esse intelectual realizou a reescrita do poema *Martim Cererê*, de forma que, os enunciados literários da década de vinte foram apropriados e ressignificados para suprir as necessidades do campo político na década de trinta. Além de dar atenção a reescrita de sua obra literária, abordaremos as interfaces entre o poema com a revista *São Paulo* (1936), o ensaio *O Brasil no Original* (1937) e o jornal *Anhanguera* (1937) como complementos doutrinários do Movimento Bandeira. Frente a esses apontamentos, nosso objetivo será avaliar as interações entre literatura e política que subsidiaram o ideário do Movimento Bandeira no combate ao integralismo, comunismo, a democracia liberal na campanha de sucessão presidencial no ano de 1937.

Palavras chave: literatura, política e Nação.

Abstract: This article will discuss how the ideas of the Movimento Bandeira (1935-1937) was presented as a fourth political means in the years before the coup that brought the installation of the New State. To do so, pretendemos discuss the performance of Cassiano Ricardo as leader of the “novos bandeirantes” and how this intellectual conducted rewriting the poem *Martim Cererê*, so that the literary utterances of the twenties were appropriated and reinterpreted to meet the needs the political field in the thirties. Besides giving attention to rewriting his literary work, we discuss the interfaces between the poem to the magazine *São Paulo* (1936), the test in *O Brasil no Original* (1937) and *Anhanguera* (1937) paper as complements to the doctrinal Flag Movement. Facing these notes, our goal will be to evaluate the interactions between literature and politics that supported the ideals of Movimento Bandeira in combating fundamentalism, communism, liberal democracy in the presidential election campaign in 1937.

Keywords: literature, politics and Nation

Este artigo pretende tratar dos enfrentamentos políticos de meados da década de trinta. A respeito dos estudos sobre a conjuntura política do período em questão, Ângela de Castro Gomes (1980) considera que é comum na história do Brasil encontrar uma periodização que toma como bloco o período que vai de 1930 a 1945. Segundo essa interpretação, a “Revolução de 30” assinalaria o ponto de partida, rompendo definitivamente com a República Velha e inaugurando um projeto político revolucionário. O golpe de 37 é tomado como ponto de referência e colocado como o “reinício revolucionário” dos projetos da “Revolução de 1930”, ou seja, o ano de 1937 seria o coroamento dos “projetos revolucionários” das forças aliancistas de trinta. Ao estabelecer o Estado Novo como a conclusão lógica de 1930, os sete anos que o antecedem passam a ser antecâmara de sua presença inevitável. Daí, o ciclo só se fecharia em 1945 quando outro ponto de cisão renovadora tem início.

Concordamos com a autora sobre a necessidade de romper com essa abordagem na análise da história política brasileira. Para tanto, deve-se procurar reestudá-la, recuperando não só a presença das forças populares, como também, a presença dos conflitos no interior das elites. A autora propõe a necessidade de outra interpretação histórica, quer em nível das relações entre dominantes e dominados, quer em nível das relações entre facções políticas das elites. As abordagens tradicionais, segundo a autora, ignoram as marchas e contramarchas do período que vai de 1930 a 1937 e apaga da memória histórica a significação de fatos cruciais como, por exemplo: a Revolução constitucionalista de 1932; a Constituinte de 1934; a Intentona Comunista de 1935; e as ações políticas da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e da Ação Integralista Brasileira (AIB). Neste sentido, deve-se romper com a temporalidade tradicional, pois ela leva ao esquecimento a riqueza de um momento caracterizado pelo surgimento de um leque de propostas políticas que permeou não somente o campo político, mas o campo intelectual do período.

A partir da perspectiva da autora, o nosso objetivo será a leitura do ideário do Movimento Bandeira como mais um exemplo das propostas políticas que se lançaram na disputa pelo poder. Na estruturação deste ideário podemos perceber a apropriação e a ressignificação do “símbolo bandeirante”. Tal símbolo foi posto como representação que fortaleceria a plataforma política de apoio à candidatura de Armando de Salles Oliveira à presidência. O período tratado nesse artigo inicia-se com a arregimentação de alguns

intelectuais em torno do Movimento Bandeira em 1935 até o golpe de 1937. Para compreendermos como esse ideário se estruturou, lançaremos mão da reescrita do poema *Martim Cererê*, a publicação da revista *São Paulo* (1936), do ensaio *O Brasil no Original* (1937) e o jornal *Anhanguera* (1937). Através da leitura dessa documentação foi possível constatar que a partir da oposição ao governo Vargas, ao comunismo, ao integralismo e a democracia liberal, os intelectuais reunidos em torno desse grupo – dentre eles Cassiano Ricardo – propoiam uma quarta via política que defendesse um Estado Forte que representasse a “Democracia Social Nacionalista”.

A trajetória de Cassiano Ricardo e sua articulação enquanto intelectual no contexto político da década de 1930 toma vulto com a publicação do ensaio *O Brasil no Original* em 1935. Deste momento em diante, o ensaísta inicia a fundamentação de algumas posições políticas que serão novamente defendidas em seu ensaio *Marcha para Oeste* publicado em 1940. Entre as teses doutrinárias encontradas neste ensaio e apropriadas pelo Estado Novo é de costume citar: a figura do líder comandando toda uma Nação; a democracia racial mitificada em torno das bandeiras como germe da “Democracia Social Nacionalista”; e a tese de que o destino nacional se baseia na ocupação definitiva do território como solução para se chegar ao progresso. Procuraremos demonstrar nesse texto que esses pressupostos – que geralmente são associados ao estadonovismo – já haviam sido trabalhados antes da instauração do Estado Novo através da organização do ideário dos “novos bandeirantes”.

Outro dado importante é a consideração de que muitos intelectuais que se destacaram como escritores na década de 1920 se tornaram funcionários do Estado Novo, dentre eles Cassiano Ricardo. Este intelectual procurou de todas as formas edificar uma ponte entre a revolução literária dos anos 20 e a revolução política do Estado Novo. Segundo Cassiano Ricardo em seu ensaio *Marcha para o Oeste* (1940), a Semana de Arte Moderna combatera os modelos externos no plano da cultura e o Estado Novo o fizera no plano das ideias políticas. A vinculação entre o conjunto discursivo ricardiano e a sustentação ideológica do Estado Novo – além de ser afirmada pelo próprio Cassiano Ricardo – já foi bastante abordada pela historiografia, mas muitos desses estudos não deram atenção ao fato de que esse conjunto discursivo já estava praticamente elaborado antes de 1937. De agora em diante vamos entender a estruturação do ideário dos “novos bandeirantes” nos anos que antecedem o Estado Novo. Esse recurso torna-se importante

para esclarecer como esse movimento se colocava na arena política de meados da década de 1930 e, ao mesmo tempo, como o movimento recuperou enunciados literários da década passada.

Após a Revolução constitucionalista e a volta à normalidade nas relações entre São Paulo e o governo federal, Cassiano Ricardo se reúne com outras personalidades paulistas para organizar um grupo de intelectuais arregimentados em torno do Movimento Bandeira. Os principais meios de divulgação do ideário político desse grupo foram a revista *São Paulo* (1936), o jornal *Anhanguera* (1937) e o ensaio *O Brasil no Original* (1937). Como subsídio teórico do ideário dos “novos bandeirantes”, em vários momentos Cassiano Ricardo afirmava os vínculos entre o movimento literário de 22, o grupo verdeamarelo e o *Martim Cererê* (1927) como princípios que norteavam o movimento, o qual se apresentava como reflexo de “uma nova mentalidade” nacional.

Após a publicação de *Canções de Minha Ternura* (1930) e *Deixa Estar, Jacaré!* (1931), Cassiano Ricardo envereda pela produção de ensaios voltados para análise social e política da sociedade brasileira, publicando novo poema apenas em 1943. Um dos principais meios de associar sua produção literária a suas posições políticas pode ser encontrado através da leitura do ensaio *O Brasil no Original* publicado em 1935 e reeditado em 1937. Esse ensaio reúne reflexões sobre questões políticas e sociais brasileiras, onde o bandeirantismo cumpriria um papel primordial na formação democrática do povo brasileiro. De modo geral, esse ensaio expressa conceitos pessoais do autor, principalmente em relação aos acontecimentos históricos e as deformações que o Brasil sofreu em razão dos estrangeirismos.

É mais que sabido que a “mentalidade intelectual” da década de trinta foi marcada pela modernização da sociedade e a exaltação do elemento nacional. Essas discussões não escaparam dos reflexos das incertezas do Governo Provisório, dos debates na Assembleia Constituinte, da ascensão do Integralismo, a Intentona Comunista e a promulgação da Lei de Segurança Nacional. Essa conjuntura também refletiu na elaboração de projetos relacionados à economia, à organização política e à produção cultural do país. Não fugindo a essa tendência, Cassiano Ricardo juntamente com Menotti Del Picchia, Mario de Andrade, Alcântara Machado, Guilherme de Almeida, Paulo Setúbal, Monteiro Lobato, Plínio Barreto, Rubens do Amaral, Valdomiro Silveira, Paulo Prado e Afonso

Taunay lançam o manifesto do Movimento Bandeira em 1935 demarcando suas posições frente à situação política brasileira.

Segundo Corrêa (1976), o Movimento Bandeira teve como objetivo organizar o pensamento nacional. Esse “pensamento nacional” deveria se afastar das disputas político-partidárias, pois os “novos bandeirantes” afirmavam que o caráter do movimento era eminentemente cultural. O manifesto do Movimento Bandeira afirma que é indispensável reorganizar o “pensamento nacional” através da “tradição bandeirante” e reforçar o sentido deste pensamento colocando-o em “função social e política”. Para tanto, a intelectualidade deveria se organizar “a serviço de uma grande causa que é a preservação da originalidade brasileira contra as influências estranhas que pretendam deturpá-la”. Assim como o quinto bandeirante no *Martim Cererê* reeditado em 1936, esses “novos bandeirantes” se viam assombrados por dois fantasmas, um que quer levar para a direita e outro para a esquerda.

O órgão oficial de divulgação das ideias do Movimento Bandeira intitulava-se *Anhanguera*, periódico que começou suas atividades em junho de 1937 e só deixou de circular com a extinção do movimento pouco antes do golpe que instaurou o Estado Novo. O jornal tinha como redator principal Osmar Pimentel e dirigido por Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Candido Motta Filho. Segundo Monteiro (2003), através deste jornal, Cassiano Ricardo e seus companheiros defendiam os princípios doutrinários e ideológicos do Movimento Bandeira. Por meio da reescrita do poema, do jornal, do ensaio e da revista, os “novos bandeirantes” procurava edificar a continuidade de suas propostas com os ideais defendidos pelo movimento literário de 22. Essa aproximação se referia principalmente ao pressuposto de que o Brasil não necessitava de inspiração estrangeira nas artes, e acima de tudo, na política.

O jornal trazia algumas epígrafes com palavras de ordem do movimento: “Por um Brasil nosso e original; por uma democracia social e nacionalista” ou “Por uma democracia social nacionalista. Contra as ideologias forasteiras que deformam o Brasil”. De acordo com as palavras expostas no manifesto dos “novos bandeirantes”, sem “o conhecimento das verdades que exprimiam essa originalidade, o Brasil teria que se afastar do seu próprio destino: desnacionalizar-se”. Nesse sentido, segundo Cassiano Ricardo em seu ensaio *O Brasil no Original* (1937), essa

ofensiva de inteligências, urgente e imprescindível, parte de S. Paulo como consequência de seu espírito perpetuamente renovador e como corolário da revolução intelectual que desencadeou em 1922, provocando então, uma violenta revisão de todos os processos de arte e estendendo o seu inquérito aos conceitos e preconceitos dominantes (...) O abalo fecundo, provocado por essa revolucionária investida intelectual que se processou, depois, em todos os centros da atividade brasileira, destruiu a velha mentalidade literária e criou a possibilidade de se erguer, num campo espiritual mais aderente à nossa realidade política, artística e mesmo econômica, a estrutura vitoriosa e forte de um Brasil novo (RICARDO: 1937, p.391).

Os intelectuais reunidos em torno do movimento defendiam a tese de que o Brasil tinha de encontrar o seu caminho como fizeram os bandeirantes. Segundo o manifesto, “esta Bandeira reunirá, em cooperação harmoniosa, todas as inteligências criadoras contra todas as concepções alheias ao clima do nosso espírito e contrárias às finalidades nacionais”. Tal “cooperação harmoniosa” sustentará “um movimento de legítima defesa destinado a salvaguardar a expressão original da alma brasileira e a fixar nossa unidade espiritual, sem a qual não haverá unidade política”. Cooperação, unidade e nacionalismo comporiam a base da doutrina que organizaria essa nova Nação. Como foco de irradiação de tal “unidade espiritual”, São Paulo dará novamente a orientação dos caminhos da Nação, pois o movimento – assim como as Bandeiras históricas – seria fruto da “arrancada da mentalidade paulista para a fixação e defesa das fronteiras da Pátria”.

Na década de 30, o Governo Federal teve que mediar as pressões pela reconstitucionalização do país, a defesa dos ideais liberais, o apelo dos Integralistas e o “perigo” comunista. Nos anos entre 1935 e 1937 mais um grupo se colocou nesta arena política. Nesta disputa entre os vários grupos políticos, os “novos bandeirantes” se apresentaram como os únicos portadores de uma “nova mentalidade” que defenderia a originalidade brasileira. Seus representantes pretendiam combater as ideologias desagregadoras e defender a construção de um Estado Forte como caminhos necessários para manter a unidade espiritual do país. O bandeirante ricardiano encontrado no poema demarcou a fronteira territorial, a “soldadesca verde” ocupou a terra e o “espírito bandeirante” empreendedor possibilitou a modernização da cidade paulista, agora cabe aos “novos bandeirantes” defender as fronteiras espirituais contra a influência de “ideologias forasteiras”. Para tanto, os integrantes do Movimento Bandeira defendiam que os intelectuais seriam os grandes responsáveis pela orientação da nacionalidade contra a desagregação do internacionalismo político.

O ideário bandeirante também é composto pela utilização da arte a serviço da Pátria, a importância do ensino para formar um trabalhador racional e a arregimentação de toda a sociedade pela defesa da Nação. No que se refere a defesa da nacionalidade contra as influências estrangeiras, uma poesia que consta apenas na edição de 1932 do *Martim Cererê* – chamada a “Vendedora de Frutas” – expressa essa prerrogativa. Esse é um dos únicos textos que trata diretamente sobre esse assunto no poema ricardiano. Esta poesia critica as “modas” vindas da França e estabelece a posição da brasilidade frente às influências estrangeiras.

Nada de figurino que chegou de Paris!
 Nada de ouvir o que a moda diz ou não diz!
 porque ela nem sabe si há figurino ou moda.
 Vestido verde, cabeça amarrada com chita amarela
 lá vem é ela! é a italianinha mais bonita
 Que tenho visto nestas ruas de S. Paulo!
 (...)

 E tão brasileira que cheguei a supor (não faz mal)
 que ela fez seu vestido e seu lenço
 de uma bandeira nacional... (RICARDO: 1932, p-123/124)

Procurando romper com as “modas estrangeiras”, o poeta insere “a italianinha” como alegoria para se referir à afinidade de alguns movimentos políticos com as experiências literárias italianas. Ao fazer referência à italianinha, o poeta realiza uma crítica sutil aos movimentos políticos inspirados pelo fascismo, pois ao supor que a moda vinda de fora poderia ser uma expressão nacional.

No ano da publicação desta edição do poema ricardiano, Plínio Salgado buscava arregimentar adeptos para a formação da Ação Integralista Brasileira (AIB) como organização política semelhante ao fascismo italiano. Nos anos seguintes inicia o rompimento entre Plínio Salgado e os outros verdeamarelos. Esse rompimento pode ser percebido nas edições do *Martim Cererê* publicadas a partir de 1934, principalmente pela exclusão da epígrafe escrita por Plínio Salgado. Na versão de 1936, a poesia “Italianinho, Vendedor de Jornais” o poeta pretende abordar diretamente a crítica às experiências italianas. Nesta poesia o “pequenino vendedor de jornais é um pícolo demônio pintado pela alegria de algum pintor futurista, com duas pinceladas de sol no rosto e outras duas pinceladas de céu nos olhos” (RICARDO: 1936, p-189/190). A exclusão daquela poesia e a inserção deste texto – onde o “italianinho” é um “demônio” com “pinceladas de céu nos olhos” – remete a posição de Cassiano Ricardo em relação ao movimento político de

Plínio Salgado. Podemos considerar que a referência ao italiano foi associada ao fascismo e consecutivamente ao Integralismo.

No que concerne as manifestações artísticas e políticas, de modo geral, a posição do grupo liderado por Cassiano Ricardo era de combate aos “efeitos da europeização” (RICARDO: 1937, p-144). Cassiano Ricardo em seu ensaio *O Brasil no Original* (1937) realiza uma exposição cronológica a respeito dos males da europeização na literatura e na interpretação da Nação. Devido a elas

“aqui existiu o paraíso teatral” (Vespúcio). Nosso país é a terra que tudo dá (Vaz Caminha). É a terra em cujo centro tudo são aromas e frutos (Lisboa). Nosso céu tem mais estrelas (Gonçalves Dias). Castas virgens da Grécia (Magalhães). Ouvir estrelas, pálidas de espanto (Bilac). Ao lado destas expressões, houve quem colocasse o Brasil “deitado em berço esplendido”. Ou então a figura amarela de um homem, fatalizado, á espera de que a terra lhe botasse o cacho de bananas á altura da mão. Ouvindo o mato crescer ou, como dizem os poetas, fazendo a conta (...) das estrelas. Resultado: o país ficou acreditando no nosso acaso por conta de um defeito de educação inicial; depois no providencialismo da terra, por cacoete mental adquirido com a leitura de certos livros filiados á velha mentalidade; depois, na teoria de uma república eventual (...) finalmente, no soneto, que foi a maior praga do espírito brasileiro (RICARDO: 1937, p-146).

Neste fragmento, podemos perceber como as influências estrangeiras na interpretação do país acabaram por deformá-lo. Essa deformação iniciou na colônia – “o acaso” – que refletiu na organização social do brasileiro – “o homem fatalizado” –, na política – “a república eventual” – e na literatura – “as virgens da Grécia” – em outras palavras, a associação entre deturpação literária e política foi posta como um dos males dos intelectuais “filiados à velha mentalidade”. Ao expor essa posição em meados de 1930, Cassiano Ricardo retoma alguns argumentos da década de vinte. Nessa apropriação o ensaísta recupera o dilema nem “Rui, nem Jeca: nem o mal da cultura desambientada, saída dos livros; nem o homem que, por falta de um mínimo de instrução, ficara de cócoras, ouvindo o mato crescer” (RICARDO: 1937, p-147).

Ao dar significado a inferioridade inerente ao povo brasileiro, o ensaísta afirma que essa “velha mentalidade” criou “sofismas e não procurou diagnosticar o motivo de nosso retardamento ou da nossa pobreza: confundiu pobreza e retardamento com inferioridade racial” (Idem). Uma das principais “deformações do real” que tem havido em nosso país, segundo Cassiano Ricardo é a sua literatura. Esta, ou era “cópia parasitária” ou ficou demais literária e não refletia a originalidade nacional, ou no

máximo, refletia apenas os defeitos de nossa formação. Na tentativa de demonstrar as deformações sofridas pelo Brasil, Cassiano Ricardo afirma que

nossa história literária se resumiu sempre, como é sabido e ressabido, num rosário cronológico de ismos: arcadismo, romantismo, parnasianismo, simbolismo, surrealismo, expressionismo, futurismo, dadaísmo (...) A todo “ismo” europeu correspondia o nosso “ismo” imediato, num gesto quase automático de repetição (RICARDO: 1937, p-148).

Como já havíamos salientado em linhas acima, esses pressupostos – a crítica ao estrangeirismo, ao academicismo literário e a busca pela originalidade brasileira – defendidos na segunda metade da década de trinta já estavam formulados na década anterior, mas na hora atual – meados da década de trinta – outras deformações estão presentes, mas agora na política. Para o ensaísta e líder do Movimento Bandeira, qualquer “ideologia forasteira pode virar numa infecção social. Uma infecção social maligna pode acarretar a destruição de tudo” (RICARDO: 1937, p-201). Nessa deformação que alguns pretendem disseminar no Brasil há qualquer coisa “de trágico, de falso, de desnacionalizante num desses ‘ismos’ literários” (Idem). Segundo a concepção do autor, esses “ismos” literários viram “ismos” político com imensa facilidade, ou seja, ontem “eram os ‘ismos’ literários. Hoje estão aí os ‘ismos’ políticos” (RICARDO: 1937, p-208). São várias as deformações, a do

individualismo liberal. Deformação é o sociologismo positivista. Deformação é o socialismo extremista. O comunismo seria outra deformação, porque é a doença da democracia hipertrofiada e igualitarista. Outra deformação é o fascismo, que é a doença da autocracia hipertrofiada e ditatorial (RICARDO: 1937, p-205).

Transferindo a crítica do estrangeirismo da literatura para a política, o ensaísta afirma que no Brasil, o parlamentarismo, o presidencialismo, o corporativismo, “foi copiado numa constituição híbrida em que cada sistema entra como um retalho de cor diferente” (RICARDO: 1937, p-206). Para Cassiano Ricardo, tais “ideologias sinistras formam a ronda silenciosa e terrível que invade, por mil formas e através de mil feições, o nosso tesouro de originalidade e de vida” (Idem). Segundo Cassiano Ricardo,

enquanto Hitler, Mussoline e Stalin “proclamam um determinismo anti-humano que se estabelece como causa primária a raça, a classe e o Estado”, em nosso país verifica-se o contrário: nosso nacionalismo não é uma imposição racista, nem conceito classista, nem o produto de uma determinação estadista.

Nosso nacionalismo significa humanidade: defesa do Brasil para que ele se conserve Brasil (RICARDO: 1937, p-210/211).

De acordo com a perspectiva dos “novos bandeirantes”, essas “seduções do demagogismo fomentam a ‘rebelião’ espiritual das massas, fáceis presas de utopias” (RICARDO: 1937, p-202). O ensaísta avalia a recepção dessas “ideologias forasteiras” na sociedade, considerando que enquanto esses “ismos” estão “na cabeça, a ideia pode sair como entrou. Mas, depois de entrar no coração e na crença, coisa fácil de acontecer num material humano rico de sentimento como o brasileiro, o indivíduo está irremediavelmente enxertado” (RICARDO: 1937, p-204). No entanto, de acordo com Cassiano Ricardo o único “ismo” que “repercutiu em Piratininga: foi o romantismo”. Alcântara Machado, Gonçalves de Magalhães e Afrânio Peixoto são os principais exemplos desse vertente. Criticando o “intelectualismo vago”, o ensaísta faz considerações sobre os “grandes escritores” nacionais, dentre eles, Álvares de Azevedo – “embora representasse o caso paulista do romantismo”, não “podia mesmo chegar a ser bem paulista por causa dos prejuízos de sua época” (RICARDO: 1937, p-175) – assim como, Vicente de Carvalho e Ribeiro Couto – “não podiam ser bem paulistas por terem nascido no litoral” (Idem). De qualquer forma, estes escritores formaram “uma classe até hoje separada do Estado, ou desviada para formas de atividade nem sempre construtiva” (RICARDO: 1937, p-196). E é nesse sentido, isto é, ao afirmar a necessidade de produzir um pensamento com função social é que o ensaísta constrói seu discurso de atualização dos “pressupostos da literatura moderna”. Consideramos que essa atualização teve intuito de justificar suas posições estritamente políticas em meados da década de 1930.

No intuito de reforçar essa atualização, Cassiano Ricardo considera que entre os poetas que combateram os “ismos” europeus pode-se encontrar: Menotti del Picchia com o seu *Juca Mulato*, Mario de Andrade com uma série de trabalhos quase clandestino e Oswald de Andrade com alguns ensaios e discursos na faculdade de Direito. Segundo o líder dos “novos bandeirantes”, os “cabeças da revolta e o grosso da tropa” eram os paulistas, além dos três escritores citados, o ensaísta acrescenta Guilherme de Almeida, Paulo Prado, Candido Mota Filho, Rodrigues de Abreu, René Thiollier, Afonso Schmidt e outros. O interessante é que o ensaísta não cita Plínio Salgado como exemplo de combate ao estrangeirismo na década de 1920. É importante lembrar que nos anos vinte,

Cassiano Ricardo e Plínio Salgado eram parceiros de caneta e compunham o grupo verde amarelo, mas na década de trinta ocorre a cisão política entre os escritores.

Ao compor uma interpretação dos “combates literários” dos anos vinte, Cassiano Ricardo em meados da década de 1930 afirma que após a Semana de 22, “os modernistas passaram a discutir uns com os outros”, com isso, os de São Paulo se “dividiram em vários grupos”. De acordo com essa concepção, cada um desses grupos estava “acirrado na procura da originalidade brasileira” (RICARDO: 1937, p-159). Nesta tentativa de explicar as correntes literárias de vinte, o autor destaca as duas alas em que se “bipartiu a vanguarda revolucionária”: a influência de Raul Bopp, com seu indianismo, determinou a formação do grupo “antropofágico”, com Oswald, Bopp, Oswald Costa e Tarsila; a outra foi composta por Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Cândido Motta Filho, Alfredo Elis e Alarico Silveiro com o “brasilianíssimo” verdeamarelo.

De modo geral, a posição defendida por Cassiano Ricardo é a de que a arte é a expressão cultural da Pátria, juntamente a isso, o ensaísta afirma que a Semana de 22 também foi uma “revolução espiritual de ordem política”. De acordo com esse ponto de vista, existe uma relação direta entre literatura e política, e como meio de defender essa tese, o ensaísta afirma que o

movimento antropofágico, feito de um roussonianismo retorno ao primitivismo da natureza, ou comunismo de tribo, devia-se fatalmente colorir-se de esquerdismo bolchevista. O movimento “verdeamarelo”, vivamente nacionalista, disciplinador, era uma firme e ousada marcha para a direita e, com Plínio, devia integrar-se numa forma fascista e, com Menotti e Candido Motta Filho no original nacionalismo da “Bandeira” (RICARDO: 1937, p-161).

O líder dos “novos bandeirantes” considera que o movimento literário de São Paulo foi contra todos os “ismos” e “proclamará a nossa independência de espírito e de sentimento”, pois a Semana de Arte Moderna provocou “a verdadeira revolução do pensamento brasileiro. Daí veio a nossa autonomia literária” (RICARDO: 1937, p-152). O ensaísta atualiza as propostas dos escritores modernistas na década de trinta ao defender que enquanto

não houver uma revolução que “mate” a poesia, outras revoluções não de vir. Contudo, o conflito a que estamos assistindo agora é justamente entre poesia e intelectualismo literário (...) Entre o que se prende a realidade humana e o que inventou uma realidade artificial e desumana. Entre o que acredita na pátria e o que nega a pátria (...) O embate entre essas duas concepções tornou (...) imensa a batalha invisível e tremenda entre o espírito que vigia a terra e as ideias

forasteiras que as desfiguram no seu íntimo e no seu destino (RICARDO: 1937, p-201/202).

Para reforçar a afirmação de que toda “revolução política nasce de programas literários”, Cassiano Ricardo utiliza como exemplo o caso italiano, pois o “fascismo, como se sabe, nada mais é do que o movimento de ideias levadas a efeito pelos escritores da modernidade italiana” (RICARDO: 1937, p-162) fato visto que Mussolini assinou o manifesto futurista de 1909. Assim como no exemplo italiano, a “reforma literária iniciada pela Semana de Arte Moderna também traduzia e prenunciava qualquer coisa de mais sério e de mais profundo na vida mental do país” (Idem). Ao mesmo tempo em que o ensaísta constrói a ponte entre a literatura e a política, ele estabelece uma “memória histórica” sobre a Semana de Arte Moderna como origem do ideário do Movimento Bandeira. Segundo os “novos bandeirantes”, o Movimento Bandeira defende a originalidade pretendida no início da década de vinte e, por isso, os “novos bandeirantes” seriam os herdeiros dos enunciados da Semana de Arte Moderna.

Em *O Brasil no Original* (1937), Cassiano Ricardo dedica um capítulo à avaliação da Semana de 22 e procura demonstrar o fermento político que havia por trás do movimento literário. Essa mesma afirmação também pode ser encontrada na revista *São Paulo* (1936), visto que os redatores do mesário afirmam que ao

lado da campanha de desbravamento intelectual realizado pelos escritores de todo o país, notadamente pelos paulistas, que se empenharam na luta contra uma literatura de importação e de artifício, nada mais justo do que exaltar a obra de educação inicial por eles também intentada para a fixação de uma nova consciência brasileira. (SÃO PAULO: 1936, Ano I, nº6).

Cassiano Ricardo considera a Semana de Arte Moderna como parte da “formação inicial” contra a “literatura de importação”. Frente a essa afirmação, na “hora atual” esses pressupostos devem se transformar em “uma nova consciência brasileira” contra os extremismos. Ao dar um significado ao passado literário que originou o Movimento Bandeira, o ensaísta autoproclama o grupo verdeamarelo como o “grupo mais combativo do movimento moderno”. Além da “falsa literatura” das elites intelectuais combatidas na década de vinte, os “novos bandeirantes” passam a acusar os estadistas da década de trinta que “buscam o Brasil nos livros” e nas “receitas europeias”. Na revista *São Paulo* (1936) esses pressupostos se repetem ao afirmar que a “velha mentalidade” importa

“ismos” de toda “a casta, próprios de países gastos e decrepitos”. Segundo os redatores do mensário, essa mentalidade copia modelos vindos “a bordo dos transatlânticos, como figurinos” (Idem). Nesta atualização, Cassiano Ricardo em seu ensaio aponta os inimigos dos “novos bandeirantes”:

a princípio eram o orador liberal, o terrível fazedor de sonetos, o poeta choramingão e anárquico, o mestre-escola bem intencionado mas transformado em veículo de ideias falsas (...) o gramático crucificador do idioma agreste vivo discutindo erros de português (...) elites intelectuais absolutamente estranhas ao drama étnico e social do país (RICARDO: 1937, p-203).

Mas na “hora atual” os verdadeiros inimigos seriam os deformadores políticos que buscam por todas as formas introduzir teorias alheias as características étnicas e sociais do Brasil. De acordo com o ensaísta, os poetas tipicamente brasileiros seriam Mário de Andrade, Menotti del Picchia e Guilherme de Almeida, os quais “refletem mais nitidamente o sentido da Bandeira” e o “imperativo histórico e racial da planalto. Só esses três contribuíram com qualquer coisa de original para a poesia” (Idem). Esses poetas – continua Cassiano Ricardo – repetiram a ação dos bandeirantes que marcaram as origens da nacionalidade e criaram “a poesia da ação” no “lugar da poesia de contemplação” (RICARDO: 1937, p-174).

No que se refere a oposição entre “o sofista e a inteligência criadora”, o líder dos “novos bandeirantes” afirma que São Paulo prefere esta última” e não “a página de arte vadia (...) sem a menor função social” (RICARDO: 1937, p-176). Apropriando-se de recursos de escrita, Cassiano Ricardo transita do campo literário para o campo político, assim como, entre o passado histórico e a mitificação dos “heróis” para afirmar a superioridade estritamente paulista frente ao restante do país. O ensaísta e representante do Movimento Bandeira interliga todos esses elementos para criar a sensação da herança heroica do passado no presente paulista. Essa ressignificação realizada pelo ensaísta também serve como autoimagem dos “novos bandeirantes” como parte de um mesmo processo evolutivo, literário e político.

O ensaísta também transcende o significado da poesia apenas como expressão literária, segundo o autor, enganam-se “por supor que poesia só é literatura”, pois a “nossa maior poesia está aí. As cifras da produção agrícola e fabril são apenas a face externa da grande poesia que canta no rumor das polias e no trabalho multicolorido das lavouras” (RICARDO: 1937, p-178). Assim como no poema *Martim Cererê*, o autor

apropriada novamente da aventura dos gigantes de botas, da lavoura de café e do ambiente fabril da cidade de São Paulo, como expressão máxima do “espírito bandeirante” na atual realidade econômica paulista.

No que concerne ao desenvolvimento industrial nacional, de acordo com Cassiano Ricardo, “nos centros de grande civilização mecânica, vá lá que o homem crie um mundo artificial para viver dentro dele” (Idem). Mas, aqui “não cabe a deformação da vida através de teorias que os pensadores e sofistas engendram lá fora” (RICARDO: 1937, p-182), pois “somos ainda esse mundo permanente de sensibilidade” (RICARDO: 1937, p-181). Juntamente com a herança histórica das bandeiras, o ensaísta acrescenta mais um enunciado: a inadaptabilidade de teorias políticas desenvolvidas nas “grandes civilizações mecânicas” com a realidade brasileira. Essa inadaptabilidade se explica pelo fato do predomínio das relações amorosas do brasileiro com as “forças primitivas” e, por isso, a sociedade brasileira não se encaixaria em organizações artificiais. Mesmo pretendendo relacionar a economia como parte da herança dos bandeirantes históricos, esses enunciados incorporados ao projeto político do Movimento Bandeira tem o intuito principal de combater as influências estrangeiras na política.

Na defesa do Brasil em sua originalidade, o ensaísta afirma que na atualidade o brasileiro necessita conhecer o Brasil e “penetrá-lo nas suas fontes de riqueza”. Segundo esse argumento, o brasileiro precisa investigar as “condições de vida” das “populações do interior, que necessitam de assistência e instrução” (RICARDO: 1937, p-185), ou seja, “pensar continuamente em seu futuro. Numa palavra: nacionalizá-lo” (Idem). Para Cassiano Ricardo, somente uma mentalidade ancorada no “espírito bandeirante” seria capaz de garantir o “Brasil na sua originalidade” e nacionalizar as “populações do interior”. Essa é uma das principais finalidades práticas do programa do Movimento Bandeira, isto é, recuperar as forças do passado para formar uma intelectualidade que proteja a Nação contra influências estrangeiras na política. Essa proposta guiaria a nação no caminho de encontrar sua nacionalidade através da incorporação das “populações do interior”, na instalação de um Estado Forte e no fortalecimento da “Democracia Social Nacionalista”.

Nosso objetivo aqui foi demonstrar como os escritos literários e ensaísticos de Cassiano Ricardo pretendiam justificar o Movimento Bandeira como o único grupo político capaz de defender a Nação contra as outras ideologias que disputavam espaço

político na década de trinta. Maria Helena Capelato (1998) considera que a política de massas durante o Estado Novo possibilitou a construção de uma identidade nacional coletiva, que por sua vez, gerou uma nova forma de sensibilidade política. No que se refere a ideia do “herói” e da “raça de gigantes”, a autora avalia que o Estado Novo incentivou o sentimento de agregação e pertencimento a uma terra grandiosa e farta que deveria produzir orgulho. Segundo a autora, esses pressupostos estadonovista foram longamente utilizados em obras de intelectuais nacionalistas ligados ao governo, entre eles Cassiano Ricardo.

Não negamos que o ideário dos “novos bandeirantes” abriu caminho à elaboração do ensaio *Marcha para Oeste* (1940) como obra ensaística que divulgava o Estado Novo. O que consideramos problemático é a associação do ensaio publicado em 1940 como expressão doutrinária construída pelos intelectuais que subsidiavam ideologicamente a instalação do Estado Novo. Consideramos que o ensaio foi elaborado para o consumo político do Estado Novo, e não elaborado pelos intelectuais estadonovistas. Podemos justificar essa afirmativa ao considerar que muitos enunciados presentes neste ensaio são encontrados no ideário do Movimento Bandeira. Geralmente os estudos que debruçam sobre a relação entre Cassiano Ricardo e o Estado Novo, minimizam os anos anteriores de 1937, quando muito se referem as alterações pelas quais passou o poema *Martim Cererê*, a relação entre o ensaio *O Brasil no Original* e o ideário do Movimento Bandeira.

Como podemos perceber, neste artigo apresentamos como a campanha empreendida pelos “novos bandeirantes” organizou a propaganda política contra o comunismo, a liberal democracia, o integralismo. Também foi possível observar os meios pelos quais o ideário do Movimento Bandeira ofereceria os caminhos para a estruturação de um Estado Forte que concretizasse a “Democracia Social Nacionalista”. Ao lado deste pressuposto, o ideário dos “novos bandeirantes” também anunciava a necessidade de incorporação das populações do interior à nacionalidade, do mesmo modo, essa incorporação abriria as portas para o progresso da Nação. E por essa razão que se torna necessário retornar ao estudo deste período e as disputas políticas da década de trinta, isto é, o retorno às investigações históricas da década de trinta é de suma importância para compreender como se organizou o pensamento ricardiano a serviço do Estado Novo.

BIBLIOGRAFIA

- CAPELATO, M. H. R. *Multidões em Cena. Propaganda política no varguismo e peronismo*. Ed. PAPIROS: Campinas-SP, 1998.
- CORRÊA, Nereu. *Cassiano Ricardo: o prosador e o poeta*. Conselho Estadual de Cultura: São Paulo, 1976.
- GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Vertice: São Paulo, 1980.
- JORNAL ANHANGUERA. Nº 1 – São Paulo – Sábado, 26 de junho de 1937.
- MANIFESTO DO MOVIMENTO BANDEIRA. *In*. MONTEIRO, Amilton Maciel. *Cassiano: fragmento para uma bibliografia*. Univap: São José dos Campos, 2003.
- MONTEIRO, Amilton Maciel. *Cassiano: fragmentos para uma bibliografia*. Univap: São José dos Campos, 2003.
- RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê*. Revista dos Tribunais: São Paulo, 1932.
- _____. *Martim Cererê*. Editora Novíssima: São Paulo, 1934.
- _____. *Martim Cererê*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1936.
- _____. *O Brasil no Original*. 2ª ed. Coleção Cultural da Bandeira (Revista dos Tribunais): São Paulo, 1937.
- _____. *Marcha para o Oeste*. Livraria José Olympio Editora: São Paulo, 1940.
- SÃO PAULO. Revista. São Paulo: Graphicars de Romit & Laranza. Ano I – Nº 6 – junho de 1936.